

# CÃS NA SALA DE AULA: a velhice é tema acadêmico

Por Francisco de Oliveira Barros Júnior\* e Antônio de Pádua Betencourt Silva\*\*

**Resumo:** as reflexões feitas no texto resultam de uma experiência desenvolvida em sala de aula, na abordagem do tema velhice. A sua relevância é defendida e é exposta numa série de questões básicas para quem inicia uma reflexão sobre o assunto focalizado. Ancorado em uma perspectiva que vê a realidade como uma construção social, o argumento aponta para a possibilidade de ser produzido um novo olhar sobre o envelhecimento. As ideias explicitadas encontram fundamentação teórica em um conjunto de autores que são referência no campo da gerontologia social. Um olhar complexo e multidimensional sobre o sujeito que envelhece aponta para velhices, no plural, pois os idosos estão inseridos nos mais diversos contextos socioeconômicos. Uma visão crítica propõe uma politização do debate.

**Palavras-chave:** Envelhecimento. Educação. Maturidade.

Inserir o tema da velhice no conteúdo programático de uma disciplina voltada para os alunos da área da saúde é um objetivo por nós traçado no desenvolvimento de “Tópicos em sociologia da saúde”. O impulso para tal inserção se deve ao nosso engajamento no Programa Terceira Idade em Ação, da Universidade Federal do Piauí. No presente texto nos propomos a fazer uma série de reflexões sobre o desenvolvimento desta experiência de ensino junto aos alunos da graduação. A iniciativa de abordar o citado assunto está ancorada em uma justificativa que divulga a sua relevância. Tomamos como base argumentativa a literatura que aponta para a emergência da sociedade em envelhecimento com o fim do culto à juventude (SCHIRRMACHER, 2005).

Levar o tema da velhice para a sala de aula exige do educador uma capacitação teórica que forneça um conjunto de conceitos que lhe possibilitem desenvolver reflexões sobre o processo de envelhecimento. Embasado em uma perspectiva crítica e desconstrutora, o professor objetiva sensibilizar os educandos para a relevância do assunto focalizado. As nossas colocações estão fundamentadas em uma década de trabalho na condução da disciplina “Tópicos em sociologia da saúde”, obrigatória para a formação dos alunos do curso de enfermagem. Dentre os vários temas nela abordados, está o envelhecimento. Na sequência deste artigo discorreremos sobre o conteúdo que é desenvolvido ao longo de nossas aulas expositivas sobre o assunto. A avaliação positiva do trabalho desenvolvido constitui um estímulo para que ele tenha continuidade.

A relevância do tema na atualidade é outro fator estimulante.

As mudanças no mundo com o aumento da população mais velha constituem um problema importante a ser reconhecido pela sua relevância. Em nome de uma maior lucidez e de um compromisso intelectual mais corajoso, convém enfocar os tópicos ligados ao processo de envelhecimento de uma maneira que seja relevante, ou seja, “que nos possibilite compreender, simultaneamente, como eles se relacionam com o ser humano e a sociedade e como seu estudo poderia contribuir para um avanço autêntico do conhecimento” (MOSCOVICI, 2009, p. 163).

Norberto Bobbio (1997) ao iniciar a primeira parte do seu livro “O tempo da memória”, afirma que a velhice é um tema não-acadêmico. Entre nós ele passou a ser. O aumento da população mais velha, apresentada como a revolução dos idosos (SCHIRRMACHER, 2005), é assunto debatido em disciplinas universitárias, grupos de trabalho em congressos científicos e tem sido alvo de pesquisas acadêmicas divulgadas sob a forma de dissertações e teses. A relevância de estudarmos a emergência da sociedade em envelhecimento é reforçada com a extensão dos projetos de universidades da terceira idade. Os estudantes que delas participam realizam a cada dois anos os seus encontros nacionais. Um estudo sobre o perfil dos docentes nelas engajados conclui que “a educação para adultos maduros e idosos apresenta-se como uma resposta inovadora aos novos desafios e demandas sociais gerados pela emergência de um novo grupo etário e de uma nova fase no curso de vida” (CACHIONI, 2003, p. 215).

Através de questionário, pedimos aos alunos que justificassem a relevância de encarmos a questão do processo de envelhecimento. A justificativa está nas mãos deles:

Devemos nos preocupar mais cedo em entender o processo de envelhecimento, pois, de acordo com estatísticas, nossa geração participará dessa fase por muito mais tempo. É justamente por causa disso é preciso aprender a lidar com as dificuldades próprias da velhice para que até mesmo haja uma transformação no comportamento da sociedade frente aos idosos, que é bastante preconceituoso, na intenção de que nosso futuro seja menos sofrível em comparação ao tratamento atual dispensado aos idosos (L. C. S. C. – sexo feminino).

Os pensadores e construtores da educação precisam pensar em um planejamento escolar que insira em seu contexto a valorização e o respeito pelo idoso. Convém captar os sentimentos, visões e pensamentos dos jovens sobre o ser velho e a velhice. Uma pesquisa sobre a imagem que o jovem educando tem do idoso propõe evitarmos as polarizações entre juventude e velhice para que sejam atingidos os objetivos de “quebrar antigos paradigmas e desenhar novos horizontes para um envelhecimento saudável e desejado” (NUNES, 2005, p. 115).

O que os jovens pensam sobre a velhice? Com a palavra, alunos da disciplina explicitam os seus pontos de vista sobre o envelhecimento. O registro escrito está inserido em um questionário aplicado entre eles. Fragilidade é uma palavra-chave no texto seguinte:

A velhice é uma das fases do desenvolvimento humano onde ocorrem inúmeras mudanças, tanto físicas quanto psicológicas e sociais. Por conta dessas mudanças, que por sua vez podem gerar muitos conflitos, é importante que se tenha uma atenção especial com esses indivíduos nessa fase, uma vez que estes, na maioria das vezes, se encontram fragilizados devido às alterações nas relações sociais em função da diminuição da produtividade (L. M. S. N. – sexo feminino).

Os efeitos físicos, os problemas e o futuro do envelhecimento estão entre os temas de interesse da reflexão sociológica. Saúde, doença e envelhecimento estão relacionados em uma sociologia do corpo que indaga: “como a experiência pessoal de envelhecimento é forjada por fatores sociais”? No glossário, encontramos o termo velhicismo, que significa “discriminação ou preconceito contra uma pessoa com base na idade.” Na construção de uma imagem do ser velho, o texto exhibe uma foto de sorridentes senhoras, fazendo atividades físicas e encarnando o chamado “poder grisalho”, que anuncia: “A velhice não é mais o que era uma vez” (GIDDENS, 2005, p. 144-148).

Convém apresentar imagens da terceira idade. Elas são as mais variadas. Diversas linguagens podem ser utilizadas para que atinjamos este objetivo. A literatura, a fotografia, o cinema e a música, dentre outras, possibilitam a captação de múltiplos olhares lançados sobre o envelhecimento. As diferentes representações justificam o uso do termo velhice no plural. Na trilha da desconstrução de um conjunto de estereótipos produzidos historicamente sobre a figura do(a) velho(a), é apresentada uma velhice bem-sucedida com a nova imagem da terceira idade (MASCARO, 1997).

Buscamos mostrar imagens e representações sociais do envelhecimento na música popular brasileira (MPB). A leitura e a audição musical das letras de vários compositores na sala de aula é mais um recurso didático pedagógico utilizado com o objetivo de ampliar os olhares lançados sobre o tema. No imaginário lírico de Nelson Cavaquinho, o “bardo *dark*” da MPB, encontramos a velhice como um dos temas recorrentes da sua densa poética musical. As imagens da letra “Degraus da Vida” (de Nelson Cavaquinho, Cesar Brasil e Antonio Braga) reforçam a caracterização do compositor como um malabarista da dor, em composições que abordam o luto, a melancolia e a angústia existencial (SOUZA, 2010). As rugas e os cabelos brancos fazem residência na cabeça de um choroso e desgostoso velho:

Sei que estou  
No último degrau  
Da vida, meu amor  
Já estou envelhecido  
Acabado  
Por isso muito eu tenho chorado  
Eu não posso  
Esquecer o meu passado  
Foram-se os meus vinte anos de idade  
Já vai muito longe a minha mocidade  
Sinto uma lágrima rolar  
Sobre o meu rosto  
É tão grande o meu desgosto.  
 (“Degraus da vida”)

O controle da realidade de hoje através da de ontem revela o poder e a clareza das representações sociais. As investigações em psicologia social concluem que “Nossas experiências e ideias passadas não são experiências ou ideias mortas, mas continuam a ser ativas, a mudar e a infiltrar nossa experiência e ideias atuais. Sob muitos aspectos, o passado é mais real que o presente”

(MOSCOVICI, 2009, p. 37-38). As imagens e representações sociais que associam velho com doença e confundem senescência com senilidade são combatidas pelos propagadores da “revolução dos idosos”. Segundo eles, “elas não têm mais razão”. E propõem: “Devemos desaprender o que nossa cultura e nossa biologia nos inculcaram sobre o envelhecimento” (SCHIRRMACHER, 2005, p. 174).

Quando se discute envelhecimento biológico, é defendida a ideia de que velhice não é doença (MASCARO, 1997). No final dos anos 1960, Gilberto Freyre criticava uma atitude segregacionista voltada para os velhos, alvos de uma “solução demasiadamente simplista de um problema que de modo algum deveria ter sido confundido com o de desvios da normalidade social por doença” (FREYRE, 2004, p. 68). A situação descrita a seguir foi alvo de levante gerontológico, ancorado em corrente de opinião médica e sociológica:

Essa segregação pode estender-se aos indivíduos simplesmente de idade avançada, aos quais faltem filhos ou netos ou parentes ou amigos capazes de os sustentarem em suas casas, sendo considerável, em modernas sociedades industriais, o número de indivíduos que a simples idade avançada, nem sempre acompanhada de doença, reúne em grupos de segregados em hospícios, como se a sua situação fosse a de desviados da normalidade social por enfermidade (FREYRE, 2004, p. 68).

No final dos anos 1960, Gilberto Freyre na sua sociologia da medicina relaciona um conjunto de problemas médico-sociológicos situados em uma época de transição aguda - de um tempo moderno a outro, pós-moderno. Dentre eles, o aumento de média de vida que veio a dar maior importância à gerontologia. Naquele momento histórico, ele era destacado, entre outros. Uma emergente sociedade em envelhecimento rebentava.

Desafio para os gerontólogos:

Problemas, como é evidente, do maior interesse, que se apresentam ao mundo de hoje: inclusive ao chamado universo tropical onde se eleva, com a média de vida, a presença do indivíduo – pessoa sênior nas populações, que já não podem ser de todo descritas como populações nacionais jovens (FREYRE, 2004, p. 45).

No dia 8 de março de 1988, Raquel de Queiroz escreveu uma crônica intitulada “Velho: o você de amanhã”. O alerta, contido no título, tem um destinatário particular: “hoje eu queria trazer para vocês, jovens, um problema social” (QUEIROZ, 1989, p. 174). Atenta para a emergência da sociedade em envelhecimento, a cronista dos anos 1980 apresentava-se como “uma velha que trabalha

todos os dias, fielmente”. Ao concluir reafirma “que nós somos os vocês de amanhã após ter iniciado com dados demográficos.” (QUEIROZ, 1989, p. 174).

Já repararam que, na hora atual, não se morre mais como antigamente? Até mesmo aqui no Brasil (fora as áreas mais desfavorecidas – mas esse já é outro drama). Se no começo do século a média de vida do brasileiro não passava dos cinquenta e poucos anos, agora, salvo acidente, câncer, ou infarto, a esperança de viver cresceu muito. Todo o mundo chega aos setenta, quase todos alcançam e passam os oitenta, e uma bela proporção atinge a outrora quase inacessível barra dos noventa (QUEIROZ, 1989, p. 174).

Partindo do toque de alerta dado por Raquel de Queiroz, lançamos a seguinte pergunta de questionário: “Velho: você amanhã?” Uma das alunas escreveu:

Sim, eu, assim como todos os jovens de hoje serei “velho”. Espero que somente por possuir idade avançada e muita experiência adquirida, jamais por falta de vitalidade. Não tem como fugir, se estivermos vivos até lá, é para a velhice que caminharemos (M. M. S. L. – sexo feminino)

Norberto Bobbio no texto original

“De senectute”, de 1996, pede permissão para falar em público sobre as suas experiências de velho. Sintonizado com a emergência da sociedade em envelhecimento, ele fornece um dado: “Nestes últimos anos o limiar da velhice deslocou-se em cerca de duas décadas” (BOBBIO, 1997, p. 17). O deslocamento antes referido vai na direção da novidade do fenômeno da geração dos matusaléns (SCHIRRMACHER, 2005). O velho Bobbio conceitua as velhices burocrática e fisiológica no contexto de uma nova imagem da velhice:

Hoje um sexagenário está velho apenas no sentido burocrático, porque chegou à idade em que geralmente tem direito a uma pensão. O octogenário, salvo exceções, era considerado um velho decrépito, de quem não valia a pena se ocupar. Hoje, ao contrário, a velhice, não burocrática mas fisiológica, começa quando nos aproximamos dos oitenta, que é afinal a idade média de vida, também em nosso país, um pouco menos para os homens, um pouco mais para as mulheres (BOBBIO, 1997, p. 17-8).

Na primeira década do século XXI, uma Europa “abatida, confusa e cada vez mais apreensiva”, “está ficando grisalha”. No novo capitalismo global, a aventura daquela que durante séculos sentiu-se e agiu como “a rainha do planeta”, defronta-se com o desafio do encanecimento da sua população (BAUMAN, 2006, p. 22). O sociólogo dos “tempos líquidos” fornece números da demografia:

[...] os demógrafos nos dizem que na década atual o número de europeus com menos de 20 anos de idade cairá 11 por cento, enquanto o de pessoas com mais de 60 será acrescido da metade. Haverá, ao que parece, um bolo menor para dividir por um número maior de comensais (BAUMAN, 2006, p. 22).

O pessimismo contemporâneo é destacado por quem observa uma espiral da frustração e a consagração e descrédito da democracia. Neste contexto, como pensar a esperança em uma sociedade da decepção? As oportunidades de nos desvencilharmos da insatisfação não são descartadas, pois, “quanto mais frustrante é a sociedade, mais ela promove as condições necessárias para uma re-oxigenação da vida” (LIPOVETSKY, 2007, p. 80). Estimulados a um revigoramento subjetivo, não desprezemos as razões para ter esperança. Uma delas é a emergência da sociedade em envelhecimento. Sermos centenários está no nosso horizonte. Os dados são animadores:

No decorrer das duas últimas décadas, houve um aumento na expectativa de vida correspondente à proporção de três meses por ano. Uma menina tem atualmente 50% de chances de chegar aos 100 anos. Uma vida mais longa e com mais saúde: isso não é pouco. Portanto, não sejamos insensíveis agora que estamos tão próximos de concretizar esse antiquíssimo anseio da humanidade (LIPOVETSKY, 2007, p. 79).

Os homens estão em processo de encanecimento. O que isto significa? Vamos ao dicionário: Encanecer, do latim *incanescere*, tem os seguintes significados: tornar branco pouco a pouco (o cabelo, a barba). Envelhecer. O termo matriz é cãs, palavra de origem latina (*canas*, ‘brancas’), substantivo feminino que traduz cabelos brancos (FERREIRA, 1999). Quando se expressa para os alunos, no momento em que se introduz o tema da velhice, que se está encanecendo, pergunta-se para eles sobre o significado da afirmação. Difícilmente aparece alguém que conheça o termo focalizado. O nosso primeiro contato com ele foi através da leitura do bíblico e sapiencial livro de Jó: “Está nas venerandas cãs a sabedoria, e o entendimento com os anciãos” (Jó, 12,12) e no livro de Provérbios: “Coroa de honra são as cãs; são obtidas por uma vida justa” (Pv. 16, 31).

A velhice ou juventude em anos, não importa. A questão não é cronológica. No contexto de uma reflexão sobre ética, responsabilidade e vocação para a política, Max Weber (2002) dá um significado à frase o diabo é velho; envelheça para compreendê-lo. O importante é amadurecer. Ele não se refere à idade em termos de anos cronológicos:

Jamais me permiti mencionar numa discussão uma referência a uma data num certificado de nascimento; mas o simples fato de que alguém tem 20 anos de idade e eu tenha mais de 50 não me deve fazer pensar que isto constitui uma realização, em si, perante a qual me deva

atemorizar. A idade não é decisiva; o que é decisivo é a inflexibilidade em ver as realidades da vida, e a capacidade de enfrentar essas realidades e corresponder a elas interiormente (WEBER, 2002, p. 87).

Envelhecer, no contexto da sociologia compreensiva weberiana, tem um significado não restrito ao etário, ao cronológico. Weber (2002) afirma o valor da ciência em uma vida imanente que encerra uma luta incessante dos deuses entre si (valor científico *versus* ódio ao intelectualismo) e propõe o enfrentamento dos poderes e limites das forças diabólicas. Assumindo o seu envelhecimento, lança uma advertência direcionada aos jovens:

Cuidado, o diabo é velho; envelheci também para compreendê-lo. Isto não significa a idade, no sentido da certidão de nascimento. Significa que se desejarmos haver-nos com esse diabo teremos de não fugir à sua frente, como gostam de fazer tantas pessoas, hoje. Em primeiro lugar, temos de perceber-lhe os processos, para compreender seu poder e suas limitações (WEBER, 2002, p. 105).

“Envelhecer é obrigatório; amadurecer é opcional” (LEGRAND, 2005, p. 53). Neste sentido, a maturidade é um projeto a ser desenvolvido ao longo de nossas vidas. Objetivar o amadurecimento significa dizer que o simples passar dos anos não o traz automaticamente. Atingi-lo requer investimento, transpiração. No plano cotidiano, encontramos sexagenários que explicitam verdura no modo de refletir e encarar situações existenciais e nos deparamos com pessoas na faixa etária dos 30 anos que demonstram ser maduras na maneira como enfrentam os desafios que cruzam os seus caminhos. Quando pensamos em comportamentos políticos eticamente responsáveis, a idade não é um quesito importante. Um comovido Max Weber traça para nós um possível encontro com uma postura ética e humanística responsável:

É profundamente comovente quando um homem *maduro* – não importa se velho ou jovem em anos – tem consciência de uma responsabilidade pelas consequências de sua conduta e realmente sente essa responsabilidade no coração e na alma. Age, então, segundo uma ética de responsabilidade e num determinado momento chega ao ponto em que diz: “Eis-me aqui; não posso fazer de outro modo”. Isso é algo genuinamente humano e comovente. E todos nós que não estamos espiritualmente mortos devemos compreender a possibilidade de encontrar-nos, num determinado momento, nessa posição (WEBER, 2002, p. 88).

Na sua biografia, intitulada “Meus Demônios”, Edgar Morin escreve sobre uma permanente dialógica envolvendo as idades da vida (infância, adolescência, maturidade, velhice). Sentí-las em si é uma experiência na qual se misturam

envelhecimento e rejuvenescimento com a vivência da união e oposição entre “os segredos da maturidade e os da adolescência” (MORIN, 1997, p. 256).

“Cora Coralina, quem é você?” Em um de seus versos, ela escreve: “venho do século passado e trago comigo todas as idades” (CORALINA, 1997, p. 73). Em outro texto, revela: “Fui velha quando era moça. Tenho a idade de meus versos” (CORALINA, 1997, p. 91). A velha e a menina poetisa nos remetem a uma tipologia das velhices. Ei-la: a velhice censitária ou cronológica, a velhice burocrática e a velhice psicológica ou subjetiva. Esta última está muito bem representada pelos fragmentos literários antes citados e recebe um reforço das letras de Norberto Bobbio (1997, p. 18):

Biologicamente, considero que minha velhice começou no limiar dos oitenta anos. No entanto, psicologicamente, sempre me considerei um pouco velho, mesmo quando jovem. Fui velho quando era jovem e quando velho ainda me considerava jovem até há poucos anos. Agora penso ser mesmo um velho - velho.

Abordando questões de método, pensamos nas fontes de pesquisa. O acesso aos mais variados temas através do texto literário é uma via traçada por uma antropologia que valoriza o detalhe significativo (LAPLANTINE, 1991). Seguindo esta rota metodológica, encontramos exemplos: a geração mais nova, viuvez, solidão, morte, degeneração física, produção intelectual, tempo e memórias formam um conjunto de tópicos relacionados à velhice, em Machado de Assis (GUIDIN, 2000). As representações sociais do envelhecimento na literatura possibilitam ao leitor perceber os desdobramentos subjetivos do envelhecer através das múltiplas experiências vividas pelos sujeitos que envelhecem. Reforçando a ideia de velhice(s), destacamos um fragmento literário focado em um personagem que indaga sobre o sentido quando se encontra incontinente e impotente:

O urologista que diagnosticou meu câncer quando eu tinha sessenta e dois anos comentou comigo depois, solidário: “Sei que isto não consola ninguém, mas o senhor não está sozinho – essa doença virou uma verdadeira epidemia nos Estados Unidos. Tem muitos outros homens engajados na mesma luta que o senhor. No seu caso, é uma pena eu não lhe dar esse diagnóstico só daqui a dez anos”, dando a entender que, num tempo futuro, a impotência causada pela remoção da próstata seria uma perda menos dolorosa. Assim, resolvi minimizar a perda me esforçando para fazer de conta que o desejo havia diminuído naturalmente, até que entrei em contato, por menos de uma hora, com

uma mulher bela, privilegiada, inteligente, tranquila, lânguida, de trinta e dois anos, cujos temores a tornavam sedutoramente vulnerável, e conheci a amarga sensação de desamparo de um velho que, sentindo-se provocado, morre de vontade de voltar a ser um homem inteiro (ROTH, 2008, p. 68-9).

O uso do cinema na sala de aula, como linguagem educativa, possibilita o desenvolvimento de atividades baseadas no conteúdo fílmico. Com um amplo repertório de títulos de obras cinematográficas, encontramos um conjunto de filmes com os seus temas transversais. Dentre eles, destacamos os que focalizam a velhice como área principal. No incremento didático, incorporamos filmes como algo mais do que ilustração de aulas e conteúdos (NAPOLITANO, 2003). As representações sociais sobre o envelhecimento recebem os mais diversos olhares dos escritores e diretores que concebem os textos cinematográficos. Recurso humanístico no contexto educacional, a metodologia prática na utilização do cinema gera impacto sobre os alunos (GONZÁLEZ BLASCO, 2002). Munidos de um roteiro de análise, penetramos no denso filme sueco, de 1978, “Sonata de outono, de Ingmar Bergman. A velhice é tema transversal na citada obra. Em uma de suas cenas, mãe e filha se enfrentam em um tenso diálogo de acerto de contas. A primeira profere um discurso no qual reflete, ancorada em sua própria vivência, sobre o desencontro entre maturidade e envelhecimento:

Às vezes, quando fico acordada à noite,  
Me questiono se realmente tenho vivido.  
Será que é assim para todo mundo?  
Ou será que algumas pessoas têm mais talento  
Do que outras para viver?  
Ou será que há pessoas que nunca vivem,  
Simplesmente existem?  
Então, o medo me pega e vejo um  
Retrato horrível de mim mesma.  
Eu nunca amadureci.  
Meu rosto e meu corpo envelheceram,  
Adquiri memórias e experiências,  
Mas por dentro, nunca nasci”.

Na trilha que acompanha o complô da geração dos matusaléns, a politização do debate sobre a ampliação da longevidade populacional no mundo desvenda as potencialidades da questão da velhice, na atualidade. Falando em velhices, no plural, deparamo-nos com a criação de tipologias envolvendo os idosos. Em um exercício de contextualização histórica, situamos a discussão

acerca do envelhecimento na sociedade de consumidores, onde impera a vida para consumo em uma cultura consumista na qual observamos a transformação das pessoas em mercadoria (BAUMAN, 2008).

Afirmativo, o pensador projeta o fim do culto à juventude em meio aos envelhecimentos (social, econômico e mental):

Sim, o envelhecimento se tornará política. A velhice será uma fonte de informações para levantamentos demoscópicos, programas eleitorais e lançamentos de novos produtos no mercado. Haverá inúmeros tipos diferentes de idosos. Há anos os peritos em marketing já fazem a diferença entre idosos da primeira, segunda, terceira e quarta idade (SCHIRRMACHER, 2005, p. 112).

Na era do consumo, enfrentamos uma “nova ideologia para a nova sociedade individualizada”. Como se dá a preparação dos indivíduos que nela estão inseridos? O sociólogo que caracteriza a “sociedade líquido-moderna dos consumidores” responde: “cada membro individual é instruído, treinado e preparado para buscar a felicidade individual por meios e esforços individuais” (BAUMAN, 2008, p. 68). A “nova perspectiva”, segundo ele, é explicitada através da seguinte “frase da moda”: “Estado de bem-estar? Já não podemos custear-lo [...]” (BAUMAN, 1998, p. 51). A sociedade da incerteza, insegura da sobrevivência e medrosa, é vítima da precariedade da ordem que dita: “Não há mais seguro coletivo contra os riscos: a tarefa de lidar com os riscos coletivamente produzidos foi *privatizada*” (BAUMAN, 1998, p. 52, grifo nosso). Neste contexto de mal-estar, no qual inserimos a questão do envelhecimento global, pensamos sobre o abalo dos sistemas sociais com a expectativa de vida mais longa e a redefinição dos sistemas econômicos e políticos dos países provocada pela onda dos idosos (SCHIRRMACHER, 2005).

Situar a sociedade em processo de envelhecimento no contexto de um mundo globalizado é um dos objetivos da proposta de levar a questão da velhice para os alunos da graduação. Nosso tempo é hoje, mas o debate sobre ela deve ser marcado por um exercício de contextualização histórica que leve em conta as principais características do mundo atual: individualista, turbulento, vazio, incerto, cruel. São muitos os adjetivos usados pelos pensadores contemporâneos para falar de uma realidade ambivalente e paradoxal. Avanços e retrocessos. O avanço tecnológico caminha lado a lado com as mais variadas formas de exclusão.

A “re-humanização” das nossas relações é um projeto que está em andamento em alguns espaços profissionais. Progressos e regressões nos mais variados campos. O aumento da longevidade da população é algo a ser festejado como consequência da melhoria na qualidade de vida de considerável parte da população, mas coloca uma série de desafios a ser enfrentados no plano das políticas públicas. Como será o novo choque de gerações? O que muda no mundo com o aumento da população mais velha? Falar na geração dos matusaléns provocará o fim do culto à juventude? Um complô em gestação ou a revolução dos idosos projetam o nosso futuro. Um toque é dado: vocês são um deles (SCHIRRMACHER, 2005).

A capacitação para enfrentarmos tais questionamentos exigirá de nós, educadores, um aprimoramento no tocante aos referenciais teórico-metodológicos usados em nossas análises. Estão, eles, congruentes com uma visão multidimensional e complexa do processo de envelhecimento? Uma perspectiva desconstrutora, coerente com a construção de uma nova imagem do ser velho, combate estereótipos e estigmas produzidos ao longo da história. O outono da vida humana, para usar uma figura metafórica, não é sinônimo de caduquice, apatia, abandono de projetos.

Na sociedade em envelhecimento, ganha força a ideia de que cidadania não tem idade. O protagonismo do sujeito idoso tem sido alvo de debate em eventos que promovem a organização política do mesmo. No reforço desta dimensão, as disciplinas humanísticas ofertadas nos programas de ensino para a terceira idade podem aprofundar o nível de consciência crítica em torno dos desafios que estão postos para a ampliação do espaço político. Não podemos perder de vista que a questão da longevidade populacional está posta na agenda recente da história. Estamos ainda incipientes no aprendizado do seu enfrentamento. Os espaços de convivência freqüentados pelos idosos devem ser lugares onde festa e política marquem presença. Não infantilizemos os velhos. Histórias vivas, em um momento singular de suas vidas, com perdas e ganhos, deixemos que eles assumam o politizado protagonismo.

A abordagem de tais questões na sala de aula com graduandos abre para um diálogo intergeracional. Jovens e velhos, dialogando, pensam juntos em soluções para os diversos desafios que estão postos em escala planetária.

Ao refletirmos sobre o processo de envelhecimento, colocamo-nos, em grupo, diante do nosso próprio encanecimento. Um projeto de como queremos envelhecer requer investimentos no aqui e agora. Nós e os alunos seremos os potenciais idosos do amanhã. Qual será a nossa qualidade de vida futura? A resposta a estas perguntas podem ser encontradas no hoje. Um primeiro passo já está sendo dado, pois não estamos fugindo de nós mesmos. Falar de velhice no espaço escolar é atingir um impasse: envelhecer ou morrer prematuramente. Para quem escolher a primeira opção, urge principiar a montagem de um projeto que visualize uma ancianidade viçosa ou uma mocidade quinquagenária. Os(as) moços(as) da disciplina "Tópicos em sociologia da saúde", recebem o toque: velhos: vocês em 20... ●

#### Referências

- BAUMAN, Z. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BAUMAN, Z. Europa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- BAUMAN, Z. Medo líquido. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BOBBIO, N. O tempo da memória. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CACHIONI, M. Quem educa os idosos? Campinas, SP: Alínea, 2003.
- CORALINA, C. Meu livro de cordel. São Paulo: Global, 1997.
- FERREIRA, A. B. H. Novo Aurélio Século XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FREYRE, G. Sociologia da medicina. Brasília: UnB, 2004.
- GIDDENS, A. Sociologia. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- GONZÁLEZ BLASCO, P. Medicina de família & cinema. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- GUIDIN, M. L. Armário de vidro. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.
- LAPLANTINE, F. Antropologia da doença. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LEGRAND. 365 mensagens & reflexões. Belo Horizonte: Soler, 2005.
- LIPOVETSKY, G. A sociedade da decepção. Barueri, SP: Manole, 2007.
- MASCARO, S. A. O que é velhice. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- MORIN, E. Meus demônios. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- MOSCOVICI, S. Representações sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- NAPOLITANO, M. Como usar o cinema na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2003.
- NUNES, J. O. S. O velho que eu (não) quero ser. In: SILVA, N. L. (Org.). Gerontologia. Aracaju: J. Andrade, 2005.
- QUEIROZ, R. Mapinguari. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- ROTH, P. Fantasma sai de cena. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SCHIRRMACHER, F. A revolução dos idosos. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- SONATA de outono. Produção de Ingmar Bergman. Suécia, Alemanha Ocidental e França: Versátil, 1978. DVD.
- SOUZA, T. Nelson Cavaquinho. Rio de Janeiro: Media Fashion, 2010.
- WEBER, M. Ensaios de sociologia. Rio de Janeiro: LTC, 2002.

\* Professor Dr. Associado do Departamento de Ciências Sociais e do Mestrado de Políticas Públicas da Universidade Federal do Piauí (UFPI).  
 \*\* Graduado em Ciências Sociais e mestrando em Políticas Públicas na UFPI.